

# Transformando o Exército

## dos EUA na Europa para uma Estratégia Preventiva

Dr. Brian J. Dunn

O EXÉRCITO dos EUA na Europa (*U.S. Army/Europe — USAREUR*) não está idealmente configurado para cumprir as suas missões no século XXI. O conceito em desenvolvimento de operações rápidas e decisivas (*rapid decisive operations — RDO*) para apoiar a estratégia preventiva americana exige que o *USAREUR* seja radicalmente diferente da versão truncada do V Corpo que surgiu após o final da era da Guerra Fria.

Déficits orçamentários federais trazem à tona uma dúvida: podem os EUA arcar com os custos de transformar o Exército para derrotar os inimigos do amanhã enquanto, ao mesmo tempo, mantendo o antigo e ainda poderoso Exército atual para combater os inimigos atuais? A resposta pode ser que os EUA não tenham escolha. Na verdade, o Exército tem que se preparar tanto para hoje como para o amanhã.<sup>1</sup> Ele não pode arriscar ignorar nem o presente ou o futuro; fazê-lo, seria correr o risco inaceitável de ser incapaz de derrotar inimigos de forma decisiva durante breves campanhas com poucas baixas. A Nação precisa do V Corpo. A falha em transformar o *USAREUR* em um poder de projeção de força, arrisca a existência do comando e de suas duas divisões.

### A Europa Precisa do V Corpo?

Os fortes aliados europeus da América podem se defender em terra, caso necessário, dado o atual ambiente de segurança.<sup>2</sup> Para que manter um corpo pesado na Alemanha se o Exército Vermelho não estará marchando em direção ao Ocidente?<sup>3</sup> Afinal, não achamos necessário o VII Corpo para defender a Europa depois da Guerra do Golfo e, apesar do colapso do Pacto de Varsóvia, ao invés de voltar para a Alemanha ou de redobrar ao território continental dos EUA (*continental United States — CONUS*), o VII Corpo foi desfeito. Muitos europeus relutam em apoiar missões militares americanas. Os ale-

mães, em particular, expressaram essa relutância durante as suas eleições em setembro de 2002. Essa pressão poderá levar os EUA a “reduzirem, redobram ou até mesmo retirarem completamente” o V Corpo e o resto do Exército da Europa.<sup>4</sup>

Já que a Guerra Fria praticamente se evaporou, será que uma Europa segura precisa do V Corpo? Caso não precise, deveria o V Corpo desdobrar para a Ásia? Parecem ser mais bem preparados para atender as questões de segurança asiáticas maiores recursos navais e aéreos do que duas excedentes divisões pesadas. Então, se não precisamos do V Corpo na Alemanha nem na Ásia, para que precisamos de suas duas divisões?

Eliminar o V Corpo é uma linha de ação tentadora. Reduzir os custos de pessoal é a maneira mais fácil de pagar pela transformação e a guerra contra o terrorismo sem esvaziar a atual força.<sup>5</sup> A transformação prevê munições de precisão combinadas a redes de comunicação e reduções em porta-aviões da Marinha, aeronaves da Força Aérea e divisões do Exército.<sup>6</sup> Desde a Operação *Allied Force* em 1999 e a Operação *Enduring Freedom* no Afeganistão em 2001, o Exército tem estado sob a pressão de ser reduzido porque o poder de fogo de precisão é visto como o caminho do futuro.

O Exército deixou de enviar a Força-Tarefa *Hawk* para a Albânia em tempo hábil durante a Operação *Allied Force* e dependeu do Comando de Operações Especiais dos EUA (*U.S. Special Operations Command*) para derrotar o Talibã no Afeganistão. Até mesmo a entrada rápida e espetacular da 3ª Divisão de Infantaria em Bagdá durante a Operação *Iraqi Freedom* deixou de impressionar os observadores com o poder das forças pesadas do Exército dos EUA. Muitos ainda consideram o Exército convencional de forma desfavorável e questionam a sua relevância.<sup>7</sup>

Com o *USAREUR* tomando a iniciativa, o Exército

deve defender o seu papel convencional nas *RDO* e na estratégia preventiva.<sup>8</sup> Antes dos eventos no dia 11 de setembro de 2001, o Exército reconhecia o valor das forças europeias para a projeção da força.<sup>9</sup> As forças europeias reduzem os custos e requerimentos de mobilidade, riscos de combate e o tempo necessário para desdobrar para áreas problemáticas na Europa e no sudoeste asiático.

A guerra no Afeganistão e nos seus estados vizinhos estenderam o alcance de desdobramento do *USAREUR* para o leste. Um novo interesse em defender o petróleo do ocidente africano estende o alcance de desdobramento do *USAREUR* para o sul ao longo da costa atlântica da África. Em julho de 2002, o sub-comandante-em-chefe do Comando Europeu do Exército dos EUA (*U.S. Army European Command — EUCOM*), visitou São Tomé e Príncipe, supostamente para discutir sobre o estabelecimento nessa região de uma base naval americana.<sup>10</sup> As duas novas áreas agregadas ao alcance de desdobramento do *USAREUR* deverão aumentar o seu valor.

Infelizmente, oficiais do Departamento de Defesa que estimaram o valor das forças militares dos EUA na Europa, classificaram o pesado V Corpo em última colocação em termos da projeção de poder. As forças de combate do Exército foram consideradas de menos importância do que o pessoal e aeronaves da Força Aérea, do que o equipamento pré-posicionado e do que as bases aéreas (o fator mais importante).<sup>11</sup> O futuro do Corpo depende do reestruturamento em resposta às políticas encontradas na “Estratégia da Segurança Nacional dos Estados Unidos da América” (*National Security Strategy of the United States of América*).<sup>12</sup> Com a necessidade de desdobrar o Exército para mais adentro do *EUCOM* e para o Comando Central, o V Corpo talvez nunca seja classificado acima dessa última colocação.

## O Melhor Exército para a Europa

A verdadeira pergunta é de que maneira o *USAREUR* pode melhor contribuir para engajamentos em tempos de paz e para missões de guerra? Configurado com duas divisões pesadas, o V Corpo é desenhado — como o era durante a Guerra Fria — para dissuadir outra guerra na Europa. Devido ao final da Guerra Fria, o Exército tem dificuldade em prover razões convincentes para a presença do V Corpo na Alemanha. (veja figura 1) Razões fracas são piores que nenhuma razão e fazem os líderes do Exército parecer estarem fixados na tradição. Na verdade, o Exército precisa de tropas mais leves e mais estrategicamente móveis na Europa.

O V Corpo deveria ter que basear-se no *CONUS* onde as suas forças pesadas possam se mover com mais facilidade entre os mares Atlântico e Pacífico. O XVIII Corpo Aeroterrestre (*XVIII Airborne Corps*) deveria ser transferido para a Alemanha, para estar mais perto dos

teatros potencialmente mais adequados para forças mais leves. Um XVIII Corpo Aeroterrestre com base na Europa poderia assumir o comando da 1ª Divisão de Infantaria, enviando a 1ª Divisão Blindada (*1st Armored Division*) de volta ao *CONUS* para o V Corpo e desdobrar a 101ª Divisão Aeroterrestre (*101st Airborne Division*) para a Europa.

*Um USAREUR robusto impede um vácuo na segurança. A União Européia poderia modificar ou alterar os relacionamentos transatlânticos de maneiras que não seriam claras atualmente. Se o Exército retirasse o corpo, é pouco provável que o enviasse de volta e, mesmo diante de uma nova e clara ameaça, muitos nos EUA e na Europa argumentariam que tal manobra seria considerada uma provocação.*

A 3ª Divisão de Infantaria do XVIII Corpo Aeroterrestre e o 11º Regimento de Cavalaria Blindada (*11th Armored Cavalry Regiment*) (reconstituído como um regimento de combate) deveriam se tornar parte do V Corpo baseado no *CONUS*, provendo um corpo pesado para outra força de contra-ataque. O resto do XVIII Corpo Aeroterrestre deveria permanecer no *CONUS*. A 82ª Divisão Aeroterrestre poderia colocar uma força na Itália para substituir a 173ª Brigada Aeroterrestre da Força-Tarefa do Sul da Europa (*Southern European Task*

### Organização para o Continente Europeu durante a Guerra Fria

#### V Corpo (*USAREUR*)

1ª Divisão Blindada  
1ª Divisão de Infantaria (Mecanizada)

#### XVIII Corpo Aeroterrestre (*CONUS*)

101ª Divisão Aeroterrestre (Aeromóvel)  
82ª Divisão Aeroterrestre  
10ª Divisão de Montanha  
3ª Divisão de Infantaria (Mecanizada)  
2º Regimento de Cavalaria Blindada (Leve)  
11º Regimento de Cavalaria Blindada

**Figura 1**

Informação adaptada da Associação do Exército dos EUA (Association of the U.S. Army) Army 2000-01 Green Book, outubro de 2000; pp. 223-24, p. 230

*Force*), que deveria também voltar para casa.

A 10ª Divisão de Montanha seria outra fonte de infantaria para as missões no teatro europeu. Com o tempo, as brigadas *Stryker* substituiriam duas das brigadas pesadas da 1ª Divisão de Infantaria. A terceira brigada da divisão no *CONUS* continuaria a ser uma força pesada, mantendo o seu equipamento na Alemanha. (veja figura 2)

## O XVIII Corpo Aeroterrestre na Europa

Enviar o XVIII Corpo Aeroterrestre à Europa e trazer de volta o V Corpo beneficiaria o Exército inteiro e fortaleceria a força para missões que pudesse ter que aceitar no futuro.<sup>13</sup>

**Preservando a capacidade de combate.** Desdobrar qualquer força que fosse de tamanho menor que corpo na Europa criaria uma força sem capacidade alguma para ações sustentáveis decisivas. Tal força seria corretamente vista como sendo nada mais que uma força simbólica. Uma capacidade de blindagem pesada (da 1ª Divisão de Infantaria) para apoiar a força leve mecanizada do corpo e infantaria leve seria necessária.

Já que o poder da blindagem pesada para impressionar o inimigo não diminuirá tão cedo, o Exército não deveria abandonar a capacidade de um ataque pesado. O material preposicionado para a brigada pesada deverá ser suficiente como uma vantagem contra uma renovada ameaça terrestre à segurança europeia. Basear o V Corpo no *CONUS* provê outro corpo pesado sem compromisso a teatro algum, melhorando assim a capacidade de responder em dois teatros de guerra principais (*major theater*

*wars — MTWs*). Com o III Corpo e o V Corpo disponível para um ataque maciço, responder e dissuadir um segundo *MTW* seria mais fácil.

**Presença aprimorada.** Um compromisso americano para com a Europa com uma força tamanho corpo é ainda necessário, apesar do nível reduzido da ameaça na Europa. A opção de retirar tropas dos EUA não deveria ser parte do debate, de nenhuma maneira. Uma Europa livre, amiga e próspera é de importância vital para os EUA. As lições contrastantes de ter abandonado a Europa depois da I GM e de tê-la defendido depois da II GM defendem o argumento para o engajamento contínuo. O raciocínio lógico nesse sentido é que a II GM ocorreu depois que os EUA se retiraram da Europa logo no início do século passado.

Um *USAREUR* robusto impede um vácuo na segurança. A União Européia poderia modificar ou alterar os relacionamentos transatlânticos de maneiras que não seriam claras atualmente. Se o Exército retirasse o corpo, é pouco provável que o enviasse de volta e, mesmo diante de uma nova e clara ameaça, muitos nos EUA e na Europa argumentariam que tal manobra seria considerada uma provocação. Que o *USAREUR* tenha que permanecer na Alemanha não está escrito em pedra apesar de que isto possa ser difícil de entender após meio século de defender a linha de frente da OTAN no Passo de Fulda.

Os estados mais novos da OTAN podem estar ansiosos por receberem o XVIII Corpo Aeroterrestre. Dada a crescente inquietude na Alemanha, mover o grosso das forças terrestres dos EUA para fora da Alemanha não está fora de cogitação. Os EUA estavam tão preocupados com a retórica anti-americana alemã durante as eleições alemãs em setembro de 2002 que transferiram funções de comando e controle e aviões de bombardeio para fora da Alemanha com a intenção de minimizar a possibilidade dos EUA se encontrarem em meio a uma crise causada por algum “golpe político”<sup>14</sup> por parte do governo alemão. O desejo por parte da Alemanha de tentar reparar as relações depois das eleições demonstra que os EUA tem a capacidade de fortalecer as relações transatlânticas.<sup>15</sup> Uma possível solução seria de evitar irritar os alemães sem contudo retirar tropas americanas da Europa.

**Provendo o engajamento.** Os EUA precisam de um corpo na Europa para preservar a segurança, construindo relacionamentos por meio do engajamento militar a militar. Forças pesadas são um tanto atemorizantes durante essas missões porque são capazes de operações de combate ofensivas prolongadas. Carros de combate *Abrams* e viaturas de combate *Bradley* assustam qualquer um que lembre o que ocorreu durante as Operações *Desert Storm* e *Iraqi Freedom*. Menos ameaçante seria desdobrar elementos da infantaria leve do XVIII Corpo Aeroterrestre para exercícios nos novos países independentes no “estrangeiro próximo” (*near abroad*) da Rússia e ajudaria

### Estratégia da Organização para a Apropriação Antecipada

#### XVIII Corpo Aeroterrestre (*USAREUR*)

- 1ª Divisão de Infantaria (Alemanha)
- 101ª Divisão Aeroterrestre (Alemanha)
- 82ª Divisão Aeroterrestre (*CONUS*)
- 10ª Divisão de Montanha (*CONUS*)
- 2º Regimento de Cavalaria (*CONUS*)

#### V Corpo (*CONUS*)

- 1ª Divisão Blindada (*CONUS*)
- 3ª Divisão de Infantaria (*CONUS*)
- 11º Regimento de Cavalaria Blindado (*CONUS*)

Figura 3.

Informação adaptada da Associação do Exército dos EUA (Association of the U.S. Army) Army 2000-01 Green Book, outubro de 2000; pp. 223-24, p. 230



Departamento de Defesa

Soldados do XVIII Corpo Aeroterrestre designados para o Comando e Companhia de Comando, Força-Tarefa Combinada 180 (Joint Task Force 180), recebem as regras de engajamento no campo de pouso de Bagram, no Afeganistão, em 17 de julho de 2003.

a fomentar relações com os mesmos, minimizando argumentos russos contra a influência dos EUA.

As brigadas *Stryker* e o 2º Regimento de Cavalaria Blindada Leve (2<sup>nd</sup> Armored Cavalry Regiment), programada para se tornar uma brigada *Stryker*, poderiam desdobrar viaturas sobre roda pelas rodovias européias com mais facilidade do que unidades sobre lagartas. Exercícios nos países novos da OTAN perto da Rússia assegurariam a esses países que não são menos merecedores de proteção do que as nações admitidas à OTAN antes deles. Os exercícios poderão também acabar com qualquer noção de que existem duas ordens de países membros da OTAN e que somente a ordem anterior é importante.

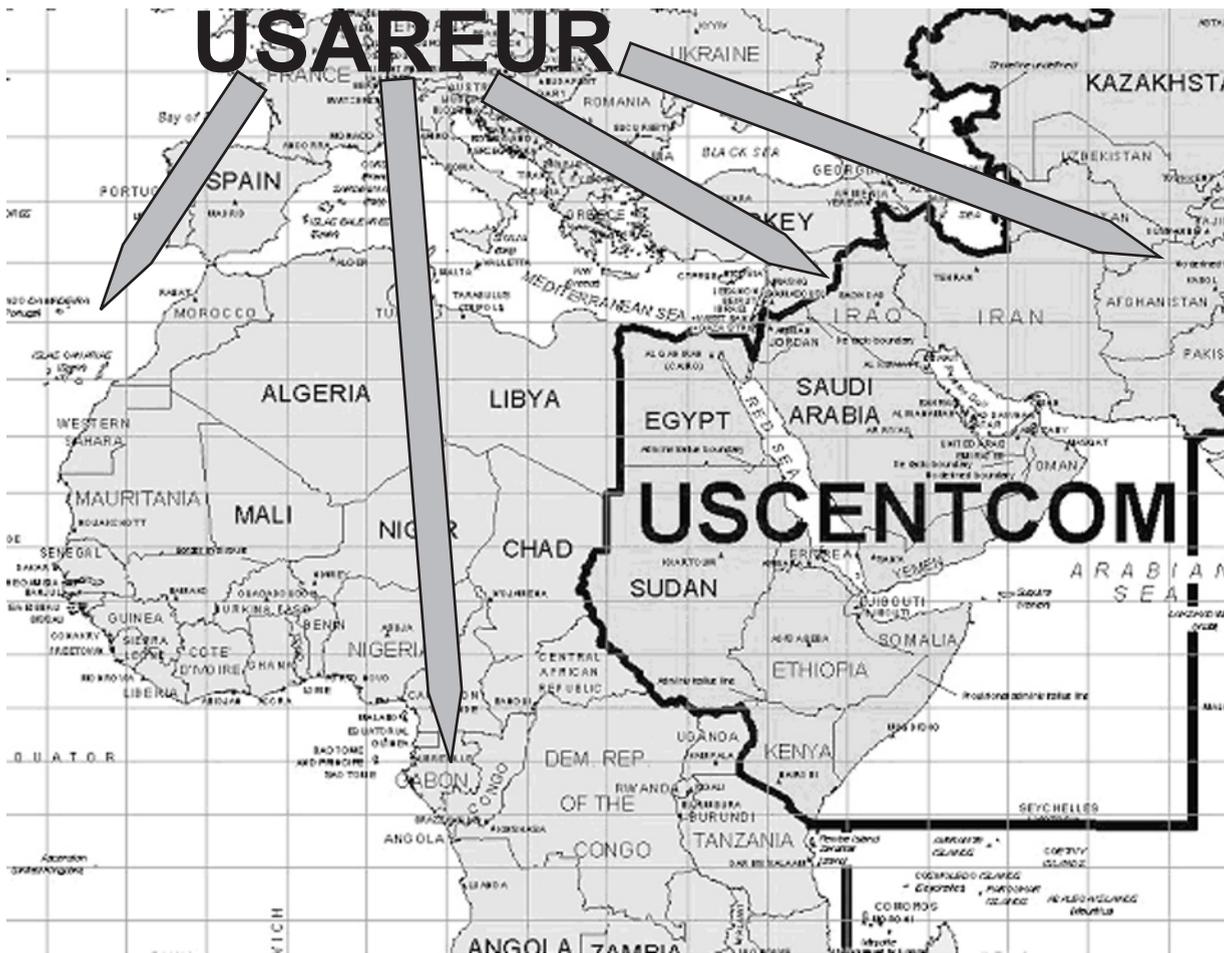
Unidades leves também refutariam argumentos russos que caracterizam a OTAN como uma ameaça para a Rússia e ajudariam a fomentar uma aliança de amizade entre a Rússia e o Ocidente. Tendo outro corpo pesado não comprometido no CONUS talvez reafirme para aliados dos EUA mundo afora de que não terão que se defender sozinhos caso o segundo MTW ocorra no seu território.

**Aumento na relevância de missões no mundo real.** De uma maneira ou outra, os Balcãs continuarão a ser uma preocupação para o USAREUR. Operações de estabilidade são missões básicas que o Exército deve executar mesmo enquanto se prepara para missões de guerra

diversificadas. O grande componente de infantaria do XVIII Corpo Aeroterrestre torna o corpo mais apropriado para o desafio, a longo termo, de policiar os Balcãs junto a aliados dos EUA. A 101ª Divisão de Infantaria tem os recursos para conduzir um desdobramento do tipo Força-Tarefa *Eagle* com sucesso como parte de uma resposta combinada a uma ameaça de menor escala.

O USAREUR precisa de uma força de reação rápida para apoiar as forças baseadas nos Balcãs caso se deparem com hostilidades. O Exército está reduzindo o número de tropas americanas nos Balcãs, mas o repentino ressurgimento de hostilidades é sempre possível. Uma brigada *Stryker* poderia ser o elemento principal em um papel de resgate, provendo poder de fogo e mobilidade, com uma proteção razoável para o nível da ameaça.<sup>16</sup> Outras forças de infantaria leve do corpo poderiam ser transportadas com mais facilidade para dentro e no teatro. A blindagem pesada é simplesmente desnecessária em grande número das operações de estabilidade na Europa.

**Capacitando a projeção de poder.** Bases americanas na Europa já permitem às forças sediadas no CONUS desdobramentos para lugares problemáticos, desde Angola até a Ásia Central. A estratégia preventiva salienta a importância de poder movimentar uma força decisiva com rapidez para os teatros no além mar. A tecnologia tem tornado o mundo menor, mas a distância não é irrelevante. As metas da Força Objetivo são de desdobrar uma brigada em 4 dias,



O USAREUR poderia ser chamado para agir em qualquer parte dentro da vasta área do Comando do Atlântico e do adjacente Comando Central.

Figura 3

uma divisão em 5, e 5 divisões em 30 dias. Desdobrando do CONUS, o XVIII Corpo Aeroterrestre tem um longo caminho a percorrer em um curto espaço de tempo para satisfazer as metas de desdobramento da Força Objetivo. Estar mais perto seria de grande utilidade para satisfazer esses objetivos e as restrições do tempo.

A vasta região desde a África Ocidental, atravessando a África do Norte, os Balcãs, o Oriente Médio e a Ásia Central é uma enorme área de crises em potencial — e algumas já existentes — como quando, em setembro de 2002, forças dos EUA deslocaram-se da Alemanha para a Costa de Marfim africana onde uma revolta ameaçava a segurança de cidadãos americanos. As seguintes quatro situações exigem que as forças americanas executem RDO:

- Operações contínuas no Afeganistão e no Iraque contra terroristas e remanescentes dos regimes.
- Possíveis guerras de estratégias preventivas contra países com armas de destruição em massa.
- Possível necessidade de ter que defender aliados, de

imediatamente, sob ameaça de inimigos domésticos ou internacionais.

- Possível necessidade de ter que desdobrar grandes e letais forças do Exército à África Ocidental para proteger os interesses petrolíferos nessa região.

Posicionando uma grande parte do XVIII Corpo Aeroterrestre e brigadas móveis *Stryker* estratégica e taticamente na Europa, reduziria a distância que o corpo e as brigadas teriam que deslocar para alcançarem as áreas em crise, ganhando assim um tempo precioso. (veja figura 3) Se o corpo e as brigadas se deslocassem mais ao leste, para os novos estados da OTAN, estariam até mais próximos às principais áreas em crise. E se as unidades estivessem além do Teatro Pacífico? Vamos realmente querer que elas defendam a zona desmilitarizada contra a blindagem pesada da Coreia do Norte? Com exceção da Coreia do Norte, a região do Pacífico é na verdade o domínio do Corpo dos Fuzileiros Navais dos EUA para uma força terrestre de pronta resposta. Exceto a China, o resto da Ásia não representa uma ameaça que

os Fuzileiros não pudessem encarar, inicialmente.

No Hemisfério Ocidental, os EUA ainda podem responder a crises em tempo hábil com o grosso da 82ª Divisão Aeroterrestre e a 10ª Divisão de Montanha. A 173ª Brigada Aeroterrestre, as brigadas *Styker*, os Comandos do Exército dos EUA (*U.S. Army Rangers*) e o Corpo dos Fuzileiros Navais também fariam parte dos elementos disponíveis.

## Debate Longe de Terminado

O “*The Defense Planning Guidance*” (guia do planejamento da defesa) de 2004 a 2009 contém uma visão da Transformação que minimiza a importância das forças convencionais do Exército e enfatiza “ataques de precisão contra alvos altamente compensadores” (*high-value precision strikes*) para desarmar um inimigo com poder de fogo à distância.<sup>17</sup> A Estratégia para a Segurança Nacional dos Estados Unidos da América (*National Security Strategy of the United States of America*) declara, claramente, que para apoiar a estratégia preventiva, a Nação “continuará a transformar as nossas forças militares para assegurar-nos a capacidade de conduzirmos operações rápidas e precisas para alcançarmos resultados decisivos”.<sup>18</sup> O problema com essa estratégia é que pode facilmente ser interpretada como significando o crescente aumento de intensos ataques aéreos, diretos e combinados, desfechados por bombardeiros *B-2* baseados no estado de Missouri. Os ataques precisos bem-sucedidos simplesmente destroem armas

e infra-estrutura; deixam intacta a intenção maléfica do ditador inimigo.

A estratégia preventiva exige tropas marchando sobre a capital inimiga para assim causar a mudança do regime. Como o *USAREUR* é o comando do Exército mais vulnerável ao argumento que as suas unidades já não são mais relevantes, deve mudar dramaticamente. Fortalecer a utilidade do *USAREUR* rechaçaria a maioria dos argumentos a favor de um Exército menor. Para os líderes militares comprometidos com um emprego militar de amplo espectro, que preserva o papel das forças terrestres, a reconfiguração do *USAREUR* é crítica. Colocar o XVIII Corpo Aeroterrestre sob o comando do *USAREUR* e basear o V Corpo no *CONUS* irá garantir papéis visíveis e valiosos para o Exército na defesa da Europa e na projeção do poder mundial em apoio da estratégia preventiva, mesmo depois que o Exército Vermelho seja apenas uma tênue lembrança.

Um debate sobre o *USAREUR* é necessário. Infelizmente, o debate parece estar abordando apenas uma pergunta: os EUA precisam do V Corpo para defender os seus interesses na Europa? A verdadeira questão deveria ser sobre quais unidades devem formar o futuro Corpo de Exército baseado na Europa. Substituir o V Corpo do *USAREUR* pelo XVIII Corpo Aeroterrestre baseado no *CONUS* serviria aos interesses dos EUA, salientando o papel do Exército em manter a estabilidade na Europa e contribuir para o alcance global do Exército em apoio à estratégia da estratégia preventiva. **MR**

## Referências

1. Departamento de Defesa, “Report of the Secretary of the Army,” Relatório anual ao Presidente e Congresso (Washington, DC: U.S. Government Printing Office [GPO], 2001), p. 253.

2. Digo isto com plena consciência do domínio dos EUA sobre a Operação *Allied Force* e sabendo que as forças terrestres dos EUA teriam sido as forças principais se a OTAN tivesse invadido a Iugoslávia. De qualquer forma, a Europa podia ter feito o trabalho caso tivesse estado de acordo em sofrer as grandes baixas que as suas capacidades inferiores (quando comparadas às dos EUA) podiam ter causado, tanto em terra como no ar.

3. Jim Hoagland, “Fog of Peace,” jornal *Washington Post*, 16 de agosto de 2001, A25.

4. Hoagland, “Cooling Off After Germany’s Election,” jornal *Washington Post*, 26 de setembro de 2002, A33.

5. Thom Shanker, “Defense Chief May Leave Size of Field Forces Up to Services,” jornal *New York Times*, 17 de agosto de 2001.

6. Thomas E. Ricks, “Military Cuts Are Implied in New Strategy,” jornal *Washington Post*, 25 de julho de 2001, A01.

7. Por exemplo, na procura de lições da Operação *Iraqi Freedom*, o princípio sobre “massa” é questionado a favor da “precisão”. Isso claramente coloca em dúvida o papel do Exército como sendo mais que simplesmente servir de reconhecimento para o poder aéreo. Veja John G. Morgan e Anthony D. McIvor, medidas em “Rethinking the Principles of War,” (outubro de 2003): pp. 35-36.

8. Comando de Forças Combinadas dos EUA, “A Concept for Rapid Decisive Operations,” documento White, versão 2.0, Norfolk, VA, 25 de outubro de 2001; *The*

*White House, The National Security Strategy of the United States of America* (Washington, DC: GPO, setembro de 2002), pp. 13-16.

9. A Diretoria Geral de Contabilidade dos EUA (*General Accounting Office—GAO*) pp. 02-99, *Military Readiness: Effects of a U.S. Military Presence in Europe on Mobility Requirements* (Washington, DC: GPO, novembro de 2001), p. 4.

10. Ellen Knickmeyer, “U.S. Leads Oil Boom in ‘Other Gulf,’” *The Associated Press*, 19 de setembro de 2002.

11. A designação do General do Corpo de Fuzileiros Navais, James Jones, como Comandante Aliado Supremo da OTAN na Europa, salientou a necessidade de transformar o *USAREUR* em uma força de projeção de poder. O seu mandato foi, supostamente, parte do objetivo do Presidente George W. Bush’s para “acabar com o a maneira de pensar militar da época da Guerra Fria”. Veja John Chalmers, “Corrected: NATO Makes Marine General Jones Top Soldier,” Reuters, 19 de julho de 2002.

12. Estratégia de Segurança Nacional.

13. Relatório do Departamento de Defesa, pp. 247-54.

14. John Fund, “Herr Clinton,” jornal *Wall Street Journal*, 26 de setembro de 2002.

15. Steven Erlanger, “Rumsfeld Urges NATO To Set Up Strike Force,” jornal *New York Times*, 25 de setembro de 2002.

16. GAO, *Military Transformation: Army Actions Needed to Enhance Formation of Future Interim Brigade Combat Teams* (Washington, DC: GPO, maio de 2002), p. 17.

17. John Headren, “High Tech Strategy Guides Pentagon Plan,” jornal *Los Angeles Times*, 13 de julho de 2002.

18. Estratégia de Segurança Nacional.

*Brian J. Dunn tem um Bacharel em ciências políticas e história pela University of Michigan em 1986 e é mestre em história pela Eastern Michigan University em 1989.*